

BLACK THORN

UM ROMANCE DARK



*Seu primeiro amor
pode ser o último...*

J.T. GEISSINGER

AUTORA DE PEN PAL

Blackthorn é um romance gótico com temas sombrios e conteúdo potencialmente perturbador, incluindo (mas não se limitando a) sexo explícito, sexo não consensual, linguagem explícita, possível dano a uma criança, sacrifício humano, imagística perturbadora, ocultismo, violência, assassinato, horror, incesto, sangue, morte, luto e violência gráfica.

CARTA DA AUTORA

Caro leitor,

Quando meu editor me pediu um resumo do romance que eu planejava escrever, entreguei a ele algo limpo, estruturado e relativamente pacato. Uma história simples sobre uma família de mulheres vivendo com tranquilidade nos arredores de uma pequena cidade da Nova Inglaterra, com um ou dois mistérios e alguns segredos há muito enterrados.

O que acabei escrevendo não foi isso.

As Blackthorns surgiram como algo muito mais sombrio e complexo do que tinha previsto. Mulheres carregando o peso de um legado e presas no passado, confiando umas nas outras mesmo quando o mundo ameaçava destruí-las. Elas vivem na periferia – da cidade, da sociedade e, às vezes, até da própria realidade.

Mulheres que não podem ser controladas são inerentemente perigosas. Quando uma mulher para de pedir permissão, quando assume sua voz, sua história e seu poder – e não pede desculpas por isso –, ela ameaça os sistemas criados para mantê-la “em seu lugar”. A sociedade há muito tempo luta para saber o que fazer com essas rebeldes. É comum elas receberem rótulos negativos: Difícil. Agressiva. Histórica.

Bruxa.

Heroínas rebeldes sempre foram as minhas preferidas. De Hester Prynne, em *A letra escarlate*, a Lisbeth Salander, em *Os homens que não amavam*

as mulheres, personagens que desafiam as expectativas e rejeitam os papéis tradicionais me fascinam. O mesmo acontece com a ideia do anti-herói, o personagem que confunde os limites entre protagonista e antagonista, instigando o público a questionar os próprios conceitos de certo e errado.

Assim, é claro que eu tinha que unir uma heroína rebelde a um anti-herói acostumado a estar completamente no controle. A história de amor de Maven e Ronan é tanto sobre paixão quanto sobre dinâmicas de poder. Juntos, eles são explosivos – e foi incrivelmente divertido escrever a história deles.

Mas, caro leitor, é preciso proceder com cautela. Como acontece com a maioria dos meus romances e com a própria magia, as coisas nem sempre são o que parecem. Quando você pensa que encontrou um terreno firme, as sombras se movem, o feitiço se transforma e a história mostra seus dentes.

Seja qual for a versão da realidade que se revele a você, espero que encontre aqui algo que valha a pena conjurar.

Da orla da floresta,
J.T.

PRÓLOGO

Se a maldade pudesse ser um lugar, seria o Solar Blackthorn. Aninhada no emaranhado da floresta negra sob um céu cor de chumbo repleto de bandos de corvos circulando, ergue-se a antiga e sombria casa onde nasci e cresci – embora chamá-la de casa seja o mesmo que chamar o inferno de destino acolhedor.

A verdade é muito mais aterrorizante.

Eu me apaixonei naquela casa.

E quase morri lá também.

Agora, enquanto sou levada de maca com uma máscara de oxigênio presa ao rosto, observo Blackthorn queimar até virar ruínas, os troncos retorcidos das velhas árvores que lhe serviam de sentinelas tingidos de vermelho, como veios de sangue primordial, reflexos das chamas imensas que a devoram.

E eu sei, finalmente, que estou livre deste lugar e do domínio que ele sempre teve sobre mim.

À exceção dos sonhos, nos quais Blackthorn e seus fantasmas sempre me encontrarão, finalmente estou livre.



1

MAVEN

Solstice, em Vermont, é uma cidade pitoresca aninhada em colinas cobertas por densas florestas da Nova Inglaterra. Como qualquer cidade pequena nesta parte do mundo, tem as suas tradições e lendas. Assombrações, maldições, mistérios não resolvidos e fenômenos naturais inexplicados são tão abundantes aqui quanto bordos.

É para este lugar que retorno agora, tendo fugido há doze anos, após a morte da minha mãe.

Ou assassinato. Depende da pessoa a quem você perguntar.

Minha filha, Beatrix, está ao meu lado na plataforma deserta, olhando ao redor, apreensiva, para os postes de luz de bronze antigos, os bancos de madeira e o pequeno prédio da estação de trem com a tinta branca descascada, o telhado de duas águas e a torre do relógio.

São quatro e meia de uma tarde cinzenta de outubro. O ar está fresco e impregnado de fumaça de madeira queimada. O silêncio é quebrado apenas pelo som cada vez mais fraco do trem resfolegando ao fazer uma curva nos trilhos. Até que ele é engolido pela floresta envolta por um manto de névoa e ficamos a sós.

A sensação de ter sido transportada de volta no tempo é palpável. Assim como o crepitar elétrico do pânico da minha filha.

Ela nunca saiu da cidade grande. Sinto uma pontada passageira de remorso neste momento, mas tenho bons motivos para mantê-la cercada por arranha-céus e concreto.

As mulheres da minha família se tornam selvagens se vivem na natureza por muito tempo.

– Esta cidade tem água encanada?

– Claro.

– E eletricidade? Carros?

Seguro a mão dela e a aperto, tentando tranquilizá-la.

– Eu sei que aqui não é nenhuma Manhattan, querida. Mas dê uma chance a ela.

– Este lugar é como aquelas cidades assustadoras de antigamente que a gente vê nos filmes de terror. Essas florestas devem estar cheias de fugitivos da prisão. Podemos ser esquarterjadas a qualquer momento.

– Não é assustadora, é encantadora. Pelo visto você andou vendo aqueles documentários policiais de novo. Já conversamos sobre isso. Não faz bem para a sua saúde mental.

Tremendo ao se aproximar ainda mais de mim, ela murmura:

– Ser cortada em pedacinhos também não faria bem à minha saúde mental.

Com folhas secas voando pelo nosso caminho, atravessamos a plataforma e entramos no prédio da estação. Ele também está deserto, o que parece sinistro. Por outro lado, tudo nesta cidade começou a me parecer sinistro quando minha mãe morreu, então tento não tirar conclusões precipitadas.

No pequeno estacionamento em frente à estação, um velho Cadillac preto aguarda com o motor ligado. Nuvens brancas e fantasmagóricas de fumaça saídas do cano de descarga se elevam no ar frio do outono. Quando um homem emerge do banco do motorista, desdobrando os longos membros como uma aranha saindo da teia, o arquejo de Bea é audível.

Dou outro aperto reconfortante na mão dela.

– Aquele é Quentin, o caseiro. Eu te falei dele, lembra? Não há nada a temer.

– Você não me disse que ele parecia um zumbi.

– Ele não é um zumbi.

Ela sussurra:

– Mãe, parece que ele acabou de ressuscitar. Nunca vi uma pessoa dessa cor na minha vida. Ele poderia muito bem ser feito de argila.

– Não julgamos as pessoas pela aparência. Seja gentil com ele.

Levanto a mão e aceno para Quentin. Ele contorna o carro com passos pesados para pegar nossa bagagem.

Observando-o, dá para entender o susto de Bea.

Q é alto, corcunda, magro como um varapau e tem olhos de ônix que espiam por baixo de sobrancelhas grossas com uma intensidade penetrante. Ele consegue ficar um tempo anormalmente longo sem piscar. A pele pálida e fina como pergaminho contrasta fortemente com a severidade da capa de lã preta antiquada, e o cabelo branco ralo esvoaça ao redor do crânio como uma névoa etérea. Suas botas não são convencionais, pois ele mesmo as fabrica.

O jeito como ele se move sugere que o *rigor mortis* já se instalou.

Eu me pergunto, talvez pela milionésima vez, qual será a idade dele, mas Q tem a mesmíssima aparência desde a minha primeira lembrança da infância, quando ele olhou com gravidade nos meus olhos no momento que lhe entreguei seu presente de aniversário: um escaravelho verde brilhante que eu tinha desenterrado debaixo de um arbusto de bérberis no jardim.

Ele ama as criaturas rastejantes da terra tanto quanto eu.

Quando termina de guardar nossa escassa bagagem no porta-malas, Q abre a porta traseira do Cadillac. Nossos olhares se encontram brevemente antes de eu entrar no carro e, embora Q não fale, como sempre, não preciso de palavras para interpretar o aviso dele:

Cuidado. Eles já sabem que você está aqui.

Mas é claro que sabem. Os ricos e poderosos Crofts sabem de tudo que acontece nesta cidade, e assim é há mais de trezentos anos.

Seguimos até a casa em silêncio. Bea continua me lançando olhares nervosos, então mantenho a expressão impassível e ergo a cabeça com uma confiança que não sinto. A cada quilômetro, o aperto em torno dos meus pulmões fica ainda mais forte, até que minha respiração se torna tão superficial que me sinto tonta.

Então passamos pelos portões enferrujados do Solar Blackthorn e perco o fôlego completamente.

A casa ancestral da minha família se ergue no final de um longo e esburacado caminho de terra, sufocado por ervas daninhas. Tão parte da floresta quanto os séculos de densa vegetação rasteira e árvores imponentes que a

cercam, a sombria construção de pedra está envolta em hera e rodeada por um emaranhado de arbustos nativos e samambaias descontroladas.

A casa não é uma estrutura única, mas muitas estruturas edificadas ao longo de centenas de anos em uma obstinada colcha de retalhos de estilos, o que lhe confere uma aparência caótica e instável. Parte fortaleza medieval, parte mansão gótica e parte ruína rústica, ela desafia uma categorização fácil, assim como suas gerações de habitantes.

Um monstro do Frankenstein arquitetônico, o lugar parece irradiar mau agouro, como se guardasse segredos que é melhor não perturbar.

Os únicos acréscimos modernos são a grande estufa nos fundos da propriedade, que abriga todos os tipos de ervas e plantas delicadas que não sobrevivem aos rigorosos invernos da Nova Inglaterra, e uma garagem coberta.

Mais além, fica a floresta primitiva, escura e ameaçadora, uma área selvagem e densa onde as crianças da cidade nunca se aventuram, aterrorizadas pelas histórias que os pais contam sobre todas as criaturas estranhas que vagam por seus caminhos tortuosos.

Ao avistar a casa, Bea se empertiga no assento.

– Foi aí que você cresceu?

– Sim.

Depois de um instante, ela diz baixinho:

– Parece mal-assombrada.

Meus olhos encontram o olhar sombrio de Q pelo retrovisor. Em seguida, se voltam para a casa e eu reprimo um arrepio.

Lar, doce lar.

Onde todos os goblins famintos do meu passado aguardam meu retorno.

Deslizo a mão para o bolso do casaco, corro a ponta dos dedos pelas linhas suaves da pistola ali aninhada e me lembro de continuar respirando.



2 MAVEN

No momento em que Bea e eu entramos pela porta da frente, somos envolvidas pelo aroma da minha infância. Livros velhos e cera de vela derretida, o perfume persistente de ervas secas, o leve toque de algo ao mesmo tempo doce e apodrecido, como fruta madura demais. O ar está parado e pesado porque as janelas nunca são abertas, mas de alguma forma ele também parece vivo, como se carregado de uma energia invisível.

Então minhas tias aparecem na sala e um sussurro de eletricidade estática arrepiando os pelos dos meus braços.

Esme e Davina param lado a lado, de braços dados, sorrindo gentilmente para nós como um par de querubins.

Qualquer semelhança com criaturas angelicais termina aí. Embora pareçam inofensivas, essas mulheres são tão ferozes e astutas quanto leões.

Como todas as mulheres da minha linhagem que viveram e morreram nesta cidade, elas precisam ser assim.

- Bem-vinda de volta, Maven – diz Esme, com os olhos verdes brilhando.
- Obrigada. É bom ver vocês.

Uma tábua do assoalho range, uma dobradiça de porta geme, e a casa cai em um silêncio profundo e sobrenatural. Seguro a mão de Bea e a puxo para mais perto.

- Tia Esme, esta é minha filha, Beatrix. Bea, esta é sua tia-avó.
- Sou a tia inteligente – diz Esme e sorri, exibindo covinhas.

– Você é tão inteligente quanto um peixinho dourado – retruca Davina.
– Todo mundo sabe que eu sou a mais esperta.

– E esta é sua tia-avó Davina. E, para que fique bem claro, as duas são gênicas.

Bea olha de uma para a outra, boquiaberta e admirada.

Tento vê-las objetivamente, com os olhos de uma estranha.

Altas, empertigadas e firmes, as irmãs usam vestidos pretos longos e simples idênticos. Estão sem maquiagem, mas a pele tem um viço de saúde. Também não usam joias, exceto por pedras da lua opalescentes semelhantes no anelar esquerdo.

Apesar do traje modesto, são impressionantes. Mas é o cabelo que as torna realmente extraordinárias.

Com o vermelho suculento de romãs frescas, os cabelos das duas caem em cascatas de cachos flamejantes até a cintura. Elas os usam soltos, permitindo que se movam livremente a cada movimento da cabeça, uma massa rebelde de cor que ganhou fios grisalhos desde a última vez que as vi.

Minha mãe tinha esse mesmo cabelo. Assim como minha filha. Assim como eu, embora o meu tenha sido tingido de preto e há muitos anos seja mantido em uma única trança apertada. Eu só o solto duas vezes por semana para lavar com xampu e condicionador, depois volto a trançá-lo assim que seca.

Eu quase o cortei todo uma vez, mas não consegui. Fiquei em frente ao espelho do banheiro com uma tesoura na mão, ouvindo na minha cabeça a voz da minha mãe enquanto encarava meu reflexo.

Nunca tenha vergonha das coisas que a tornam diferente. É aí que reside seu verdadeiro poder.

Naquela época, eu estava tão cansada de ser diferente que queria ser qualquer pessoa, menos eu mesma. Queria ser anônima.

Queria desaparecer.

– Diga oi para suas tias-avós, Bea.

– Oi. É um prazer conhecê-las. Obrigada por nos receberem.

Satisfeita com os modos de Bea, Esme sorri.

– Vocês são muito bem-vindas. Bom, você deve estar com fome, depois dessa viagem. Venha para a cozinha comigo, querida, vou preparar algo para você comer.

Ela segura a mão de Bea, me lança um olhar ardiloso e leva minha filha para a cozinha.

Assim que elas saem do alcance da nossa voz, Davina se vira para mim e toma minhas mãos frias nas dela.

– Como você está?

– Estou bem.

– Claro. Mas como você está *de verdade*?

Suspiro e fecho os olhos brevemente.

– Cansada. Esqueci o quanto odeio viajar.

Ela emite um murmúrio de compreensão.

– Todas aquelas pessoas...

– Sim. Como você e a tia E estão?

Ela me olha em silêncio por um instante, depois dá de ombros.

– Como sempre. Sobrevivendo.

Observo seu rosto sem rugas, desejando ter herdado um pouco daquele colágeno abundante. As bolsas sob meus olhos agora têm suas próprias bolsas. Ainda não tenho 30 anos, mas aparento ter mais.

O estresse constante cobra seu preço.

– O que você disse a Bea?

– Nada.

– Tem certeza de que isso é sensato?

– A verdade às vezes pode fazer mais mal do que bem.

– Assim diz a cientista.

– Neste caso, é verdade. Vamos ficar aqui por poucos dias. Prefiro não acabar prematuramente com a infância dela. Onde vamos ficar?

– Você fica no antigo quarto da sua mãe, Bea no seu.

– Obrigada. Ela vai gostar de ter o próprio espaço.

Davina torna a apertar minhas mãos.

– Venha comer alguma coisa.

– Não estou com fome.

– Mas você vai comer. Precisa de algo no estômago. Está magra e pálida demais, como se estivesse se recuperando de uma doença crônica.

Com os lábios franzidos, ela inspeciona meu rosto.

– Tuberculose, talvez. Ou algo transmitido por mosquitos.

Nem cinco minutos se passaram e a diversão já começou. Não é de admi-

rar que os índices de depressão aumentem perto dos feriados. É quando as pessoas passam mais tempo com os parentes.

Quando ela se vira, vejo Q subir lentamente a escada principal até o segundo andar carregando nossas malas, com passos tão silenciosos quanto os de um gato, e corro os olhos ao meu redor.

A casa não mudou nada desde a minha infância. Uma colossal lareira de granito preto, apagada, domina a sala principal. Velas de cera de abelha tremulam em nichos nas paredes de gesso rachado. A cornija da lareira é coberta com galhos trançados de abeto fresco, e o teto alto é atravessado por vigas de madeira escura, das quais pendem lustres de ferro, com os braços envoltos em teias de aranha.

O mais notável são os livros, que estão por toda parte.

Espremidos em estantes que vão até o teto, empilhados sobre a mesa de centro, as mesas laterais e até mesmo no chão ao lado do sofá e das poltronas, os livros são os elementos dominantes da sala. Antigos volumes encadernados em couro se aninham ao lado de edições contemporâneas de capa dura. Periódicos acadêmicos e enciclopédias ocupam uma parede inteira. Vejo a série ilustrada de fólhos sobre entomologia que tanto me fascinou na infância, juntamente com todos os títulos sobre história, astronomia e artes.

O restante da casa é um labirinto de cômodos e passagens que desafiam a arquitetura convencional, um lugar onde alguém pode facilmente se perder. Portas se abrem para quedas íngremes. Escadas não levam a lugar algum. Corredores sinuosos dão voltas sobre si mesmos até desembocarem em um beco sem saída.

Enquanto estou parada ali, uma fria sensação de mau agouro me invade. De repente, sinto como se estivesse olhando da beira de um alto penhasco em direção a um mar escuro e revoltado lá embaixo, com o vento cortante revirando meu cabelo e fustigando meu corpo, tendo uma presença maligna às minhas costas, pronta para me empurrar e me lançar aos gritos para a morte.

Torcendo para que sejam meus nervos e não premonição, afasto o pensamento e sigo Davina até a cozinha.



Horas mais tarde, depois que a louça do jantar foi recolhida e Bea está dormindo no meu antigo quarto no andar de cima, Esme, Davina e eu nos sentamos à mesa da cozinha, já quase terminando nossa terceira garrafa de pinot.

As mulheres Blackthorn são muitas coisas, mas abstinências não é uma delas.

– Bea é bem precoce para a idade – observa Davina enquanto passa languidamente o dedo em uma das muitas marcas entalhadas no antigo tampo de madeira da mesa.

– Assim como você – diz Esme, olhando para mim. – Mas ela é um anjo. Você era um diabinho. Cheia de atitude e com sangue nos olhos, igual à sua mãe.

Rio com a taça de vinho perto dos lábios e sorvo o último gole.

– Como se vocês duas fossem cordeirinhos muito doces...

Davina me encara, torcendo o nariz.

– Desculpe, Vossa Alteza, mas somos os cordeirinhos mais dóceis de toda a Nova Inglaterra. Quase *nunca* mordemos.

– Diga isso ao padre O'Brian. Ele ainda faz o sinal da cruz quando vê vocês?

– Humpf. Aquele velho idiota. Ele é a única pessoa que consegue ler o Livro do Apocalipse e fazê-lo parecer chato.

– Se você acha a missa tão chata, é só parar de ir.

Ela sorri.

– De que outra forma escandalizaríamos os bons cidadãos de Solstice toda semana? Eles contam conosco para terem assunto para fofocar. Estaríamos nos esquivando de nossos deveres como as párias da cidade se abandonássemos a igreja.

– Se vocês não provocassem as pessoas de propósito, talvez elas fossem mais gentis com vocês.

Davina me observa em silêncio por um instante, com o olhar avaliador.

– Somos Blackthorns. Nossa mera existência já provoca as pessoas. Somos diferentes e sempre seremos, por mais que tentemos fingir que não.

Ela olha de maneira incisiva para o meu cabelo.

Constrangida por ter sido repreendida, mudo de posição na cadeira.

– Não estou fingindo nada.

– Essa tintura horrível sugere o contrário. E por que esse preto-graxa-de-sapato, de todas as cores possíveis? Parece até que você perdeu uma aposta.

– Só para você saber, eu pinto meu cabelo com uma profissional.

– Com a Morticia Addams? – retruca ela, num tom irreverente.

Rio, mas penso na minha mãe e meu riso ganha um tom sombrio. Tapo a boca com a mão para abafar um soluço.

– Ah, querida, eu sei... – diz Esme, estendendo a mão sobre a mesa para apertar a minha. – Nós também sentimos falta dela. Isto aqui não é mais a mesma coisa desde que Elspeth morreu.

Esse é um dos muitos motivos pelos quais hesitei em vir para o funeral da vovó. Afora as lembranças de goblins, é doloroso estar perto de pessoas que conseguem me decifrar tão bem. Desde que parti, organizei minha vida com cuidado para evitar esse tipo de coisa.

Como todos os Blackthorns, guardo segredos demais para ter uma intimidade verdadeira.

Pressiono os nós dos dedos contra as pálpebras fechadas e solto o ar dos pulmões. Em seguida, seco a umidade acumulada nos cílios e mudo de assunto:

– Bea perguntou no trem por que vocês três moravam com a vovó e nunca se casaram.

Esme parece interessada.

– O que você disse a ela?

– Que os homens nunca foram muito importantes para as mulheres desta família.

O sorriso de Davina é contido e satisfeito.

– Eles importam o suficiente para aquilo em que são úteis.

– Se você vai começar a falar da sua vida sexual, eu vou para a cama.

– Por quê? Mulheres maduras não podem gostar de sexo?

– Claro que podem. Mas, na última vez que falamos por telefone, você descreveu com tantos detalhes como seduziu o belo e jovem médico que se mudou recentemente para a cidade que ainda estou tentando apagar as imagens da minha memória. Se eu precisar de atendimento médico por qualquer motivo enquanto estiver aqui, não conseguirei olhar o homem nos olhos.

Davina brinca com uma mecha de cabelo.

- Homens na faixa dos 20 anos estão no auge sexual. Quanta energia...
- Pelo amor de Deus, o que foi que eu acabei de dizer?
- Está com inveja, querida?

Meu riso é seco.

- Muita.
- E o pai da Bea? Você nunca nos falou sobre ele. Ainda é presente?

Como esse assunto específico é um poço escuro cheio de víboras, faço uma pausa para escolher com cuidado as palavras.

- Não. Tínhamos ideias diferentes sobre o significado da paternidade.

As irmãs me observam em silêncio, com olhos verdes astutos. Assim que Davina abre a boca para dizer algo, uma rajada de vento frio sacode as vidraças. As velas no parapeito acima da pia tremeluzem e depois se apagam. Os maços de lavanda e ervas secas pendurados nas vigas começam a balançar.

Olhando para o teto agitado, Esme diz em voz baixa:

- Tem alguém aqui.

Davina acrescenta sombriamente:

- Ou *alguma coisa*.

Levantando-se da mesa, as irmãs espiam a noite pela janela da cozinha, mas um sexto sentido faz com que eu me volte para a sala de estar. Eu me levanto, me dirijo rapidamente até a escada e subo dois degraus de cada vez até chegar ao patamar no topo. Há uma pequena janela ali com vista para o jardim da frente.

A princípio, não vejo nada. Tudo está escuro e parado. Depois, um raio de luar atravessa a cobertura de nuvens e ilumina o portão de ferro no fim da entrada da garagem.

Uma figura alta, toda de preto, está parada diante do portão, os olhos erigidos para a casa. Embora seu rosto esteja obscurecido pela distância e pelas sombras, não preciso vislumbrar suas feições para saber quem é.

Eu reconheceria Ronan Croft em qualquer lugar, sob qualquer luz, até mesmo na escuridão total do fundo do mar.

Você nunca esquece seu primeiro amor.

Ainda mais quando ele também é seu pior pesadelo.

Ronan permanece imóvel até que as nuvens obscurecem a lua novamente, depois é engolido pela mesma escuridão que o conjurou e desaparece.

CONHEÇA OS LIVROS DE J.T. GEISSINGER

Pen Pal
Blackthorn



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

editoraarqueiro.com.br

